

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Director de ELECTRICIDADE

Sonhar com São Tomé e Príncipe

Durante os anos que vivi em Luanda frequentava, diariamente, um café onde grande parte dos quadros da estrutura governativa do sistema colonial costumava ir conversar. Tenho pena da memória não ter conservado tão interessantes desabafos. Recordo-me que às vezes sentia a tentação de registar essas conversas no estilo de um diário. Creio que, no meio da imensa papelada que fui arquivando, deverá existir um ou outro apontamento. Mas também me lembro que só tive ímpeto suficiente para anotar situações dispersas e ocasionais, possivelmente sem grande significado. Pressenti a importância futura dessas conversas, mas os afazeres profissionais limitaram os ecos do cronista que adormecia dentro de mim.

Na verdade, esses encontros mereciam ser deixados na História, como crónica de sete anos do "ultramarismo" português, quando se intentava fazer o desenvolvimento socio-económico em Angola, para tornar este território um padrão intelectual de África. Havia gente jovem animada de pujança e bastante argúcia na escuta atenta dos mais velhos, amadurecendo nas suas reflexões fora dos gabinetes governamentais, no exterior dos ambientes educacionais, além dos departamentos institucionais (por exemplo, o porto de Luanda, os serviços eléctricos e a SONEFE).

Aí surgiam comentários aos acontecimentos políticos que voavam de Lisboa. Divagavam uns sobre a impossibilidade de transformar o espaço angolano num Congo, já que havia a desastrosa experiência desembocada no Zaire a servir de lição. Acrescentavam outros que os portugueses não eram como os belgas e os angolanos distinguiam-se dos zairenses: lá reinava a corrupção em todos os lados e por cá só se notava o oportunismo pontual. Até que se ouvia a descrição das maravilhosas terras do interior, a nostalgia dos mistérios naturais, desde as pessoas humanizadas pelo primitivismo das contas e das letras até às paisagens mestiças e adormecidas nos séculos.

Ao fim da tarde sentávamo-nos à mesa do café a conviver. Era bom ouvir contar as belezas de São Tomé e Príncipe por quem lá tinha ido. Viagem barata, a partir de Luanda, para uma visita de encantar às roças ou uma vivência paradisíaca nas selvas virgens. Viagem que fui sempre adiando nos meus sonhos. Um dia haveria de chegar em que iria conhecer tão belas ilhas.

Depois aconteceu o que aconteceu. No afã da procura de novo rumo existencial pelo imenso mundo distante, entre o Ocidente e o Oriente, esqueci aquele paraíso sonhado. Só anos mais tarde o Eng. Tomé me fez pensar nessas duas ilhas ideais para o turismo africano. Havia um pequeno grupo hidroeléctrico a necessitar de

substituição e o financiamento de um organismo internacional estava disponível para elaborar o respectivo caderno de encargos. A EDP enviou lá o engenheiro electrotécnico, para que analisasse o local e aprontasse o projecto. Depois acompanhou o concurso na sede da cooperação (ao tempo, a Internet).

Também aqui a memória volta a ser traíçoira. Nem tudo o que seria importante dizer aos profissionais da electrotécnica me passa pela cabeça. Creio dispor de documentos com informação sobre os traços fundamentais dessa obra, mas na análgama visível no apartamento das minhas recordações nem tento encontrá-los antes de me dispor à arrumação sempre adiada. Sem nada prometer, talvez chegue agora a idade da sistematização. E se isso ocorrer pode ser que possa dizer mais acerca da engenharia electrotécnica em São Tomé e Príncipe. Entretanto, fico à espera que algum colega se anime a aproveitar estas páginas para aqui deixar sinais da engenharia portuguesa nesse novo país.

O que agora posso dezer é que há o projecto político, se é que ele existe realmente, de desenvolver turisticamente aquele território, para que outros povos africanos encontrem ali um local próximo onde possam viver alguns períodos de enriquecimento espiritual e recomposição física. Um projecto turístico global, porém, deve ser concertado com equipamentos sociais de reconhecida valia, devidamente integrados no ambiente natural. Estamos todos a ver como a energia eléctrica participa na base de um desenvolvimento dessa natureza. Quer dizer, aí há lugar à melhor intervenção dos engenheiros electrotécnicos que dominem os aspectos tecnológicos da geração, transmissão e distribuição de electricidade, em conjunto com preocupações ambientais e qualidade de vida, desde a iluminação artificial, climatização de interiores, comunicação à distância, automação de procedimentos, controlo automático de situações convivenciais, gestão informatizada, aplicações hídricas, mecanismos de segurança, preservação de saúde ocupacional e por aí adiante.

Serve de exemplo o caso da Odete, que acompanhou o marido nas duas semanas de inspecção e comissionamento da instalação da nova central eléctrica atrás referida. Para além das belezas emprestadas pela vegetação implantada a esmo, os mosquitos exigiram cuidados especiais, sempre perturbadores da tranquilidade. E, mesmo assim, o caso de uma picada fatal levou-a, no regresso, a um tratamento assaz especializado no Hospital Egas Moniz, em Lisboa. Felizmente que aí existem médicos conhecedores dos problemas do paludismo agudo.

Felizmente que o Instituto de Higiene e Medicina Tropical, logo ao lado daquele hospital, continua com projectos de investigação científica nesta área da saúde pública. Felizmente que os investigadores mantêm um bom relacionamento internacional nos seus programas de trabalho, podendo ser útil aos são-tomenses.

A utilidade dos portugueses estende-se a domínios multidisciplinares e variados, se algum dia se concretizar o sonho de criar um paraíso à beira do continente africano, a flutuar no mar, com os meios de acolhimento da civilização moderna. A experiência que temos pode ser transferida vantajosamente no que se refere ao ordenamento territorial, conservação da Natureza, arquitectura paisagística, construção de edifícios, instalação de infraestruturas energéticas, integração de sistemas de telecomunicações, gestão hoteleira, administração de transportes, apoio logístico à cultura, à promoção de iniciativas, à tradução e difusão da informação.

Não é este o sítio acertado para esmiuçar os objectivos de construção de um tão paradisíaco local no mundo, aproveitando as condições climatéricas propiciadas pela riqueza natural. Mas esta envolvente geral deixa encaminhar o pensamento no sentido da reflexão em torno do significado da engenharia electrotécnica num paraíso do século XXI, no qual se verifique a simbiose justa do abstracto com o concreto, o projecto com a obra, o Homem com a Natureza, o sonho com a vida.

Compremos, pois, o bilhete de avião em qualquer agência de viagens. Deixemos que o pássaro metálico sobrevoe o oceano. Aterremos nessa ilha verde. Procuremos o alojamento do nosso encanto. E divaguemos além. Aí está a roça recuperada a laborar ao ritmo humano, sem pressas, ao compasso do chilreio das aves, dentro da coloração dos trópicos, com uma atmosfera límpida e azul. É a purificação da alma. Acontece a regeneração dos neurónios. Tudo se renova dentro de nós, pelo ar, pelas imagens, pelos sons. Eis a poesia de ser. Aí está o enlevo da realidade despoluída. Além a Eva. Aqui o Adão. E a serpente apenas nos ilude com papaias doces e abacaxis acres. Afinal o amor acontece. No paraíso, nesta terra.

Os cientistas podem discutir e os filósofos poderão dissertar, que os engenheiros têm um espaço no Atlântico onde as ideias e os sonhos se hão-de objectivar um dia na edificação de um refúgio à globalização, desconectado dos continentes pelas águas e ligado aos homens pelos afectos. Principalmente aos portugueses, viajantes eternos entre feitorias. À procura do descanso paradisíaco. Que pode ser São Tomé e Príncipe. **E**